

PADRE FILIPE PAPPALARDO

CATANIA — 1870

RANDAZZO — 1915

O padre Filipe Pappalardo se distinguiu por um ardente zélo na conquista e no cultivo das vocações salesianas.

O seu sacerdócio se formara na escola do padre Júlio Barberis, Catequista Geral da Sociedade de São Francisco de Sales, a quem, após a Ordenação, e talvez antes, serviu de secretário. Costumava dizer que o padre Barberis lhe fizera sentir toda a significação imensa daquelas palavras do sacerdote na Santa Missa: *Quid retribuam Domino, pro omnibus quae retribuit mihi?* "Como posso retribuir a Nosso Senhor, todos os benefícios que me tem feito?" E procurava fazê-lo, trabalhando, não só pela salvação das almas, mas especialmente pelas vocações à Congregação.

Tendo sido colega do Padre André Beltrami, cuja biografia o padre Barberis escreveu, e cuja causa de beatificação foi, mais tarde, introduzida, trouxe do convívio com aquél santo superior, uma grande admiração do inclito companheiro, que não deixava de transmitir aos discípulos.

Com estas disposições, aportou êle a Cuiabá, em 1897, aonde a obediência o destinara, e esperava encontrar mais amplo campo ao seu apostolado.

De fato, foi êle o diretor de noviços, que inaugurou em 1899, o primeiro Noviciado da Ispetoria Salesiana de Mato Grosso, no Coxipó da Ponte, subúrbio de Cuiabá. Permaneceu neste cargo, até 1908, e foram seus noviços, entre outros, o padre Armindo Maria de Oliveira, já fa-

leido, e sua exceléncia reverendíssima o Sr. D. Francisco de Aquino Corrêa, atual Arcebispo de Cuiabá.

Em 1908, regressou à Itália, esperançoso de recobrar, aos ares natais da sua Sicília, a saúde precoce mente combálida. Infelizmente, porém, as melhorias não foram tais, que aconselhassem a volta à Missão mato-grossense. Assim foi que no colégio de Randazzo, onde exercia funções compatíveis com seu estado de saúde, veio a falecer em 5 de dezembro de 1915, na prematura idade de 45 anos.

Dêle o senhor Arcebispo de Cuiabá, na biografia do padre Armindo, intitulada "Uma flor do Clero Cuiabano", escreveu as seguintes notas. Depois de citar um soneto, com que o Armindo se despedira do Noviciado, encerrando-o com estes versos:

*Adeus!... E no auge de filial ardor,
Beijo a mão, que me serve de guarida,
Banhando-a com as lágrimas do amor!*

acrescenta: "A mão que tão ternamente oscultava aí o poeta, era a do nosso Dirétor e Mestre, a quem o leitor já conhece, o Padre Filipe Pappalardo. E foi ele exatamente quem me remeteu, em carta para Roma, o citado soneto, acompanhado destas palavras: "O teu caríssimo Armindo já está no campo de ação, no Liceu de Cuiabá, como secretário do Padre Inspetor, revisor da Revista etc., etc. Não posso descrever-te com que afeto se despediu de nós: que alma santa e cándida! Antes de sair, ofereceu-me um soneto, que no fim desta transcreverei".

A meiga figura do Padre Filipe ficou para sempre, como um símbolo de zélo e carinho paternal, a pairar docemente por sobre as recordações do nosso noviciado. Foi ele o primeiro mestre dos noviços matogrossenses, cargo este, que exerceu desde a fundação da casa. Em

1908, por motivos de saúde, teve que voltar à Europa. Levava a esperança de refazer-se aos ares natais da sua poética Sicilia, e estando eu a concluir o curso teológico, regressarmos juntos a Mato Grosso. De feito, melhorou, mas não tanto que se lhe permitisse voltar ao mesmo campo de trabalho, onde se lhe extenuara a saúde.

Lá permaneceu, pois, e lá veio a falecer em 1915, aos seus quarenta e cinco anos de idade. Morreu ao pé do seu querido Mongibelo, mas suspirando sempre pela terra cuiabana, onde passara a flor do seu apostolado. "Ante ôntem, escrevia-me êle, recebi um cartão postal do teu inolvidável e bom pai, e tal foi a grata impressão, que à noite seguinte sonhei com êle. O bom velhinho nos espera lá juntos, e ao invés, quem sabe se hei de revê-lo ainda nesta terra? Oh! quanto me entristece êste pensamento!" Em carta posterior assim se exprimia: "Quanto a mim, penso em tua terra, sonho com ela... Porém creio que, ao menos por agora, seja vontade de Deus, que eu fique neste novo e antigo campo de trabalho". Mais tarde, perdida já a esperança de tornar a Mato Grosso, dizia-me: "O teu retrato será mais um motivo para não me esquecer de Mato Grosso, que está sempre na minha mente, no meu coração e nos meus lábios". O que, porém, mais lhe doia, era não ter podido vêr a nenhum dos seus neófitos elevado ao sacerdócio, e acrescentava: "Fica isto como um espinho em meu coração... Paciência!" Caro mestre!

A última vez que nos vimos, foi em 1908, em Genzano de Roma, à hora dum lindo pôr de sol, naqueles encantadores "castelos romanos". E lembra-me ainda que lá nos ficamos longamente, a contemplar tôda aquela maravilha de luz e côres, rememorando os belos poentes selvagens de Cuiabá, recordando a sua gente e as suas coisas, e comentando, por fim, aquêles tercetos mavlosos, em que Dante parece definir tão bem a nossa vernácula saudade:

*Era già l'ora che volge il disio
A' naviganti e intenerisce il cuore,
Lo di ch'han detto ai dolci umici addio;
E che lo nuovo pellegrin d'amore
Punge, se ode squilla da lontano,
Che paia il giorno pianger, che si muore...*

Aquêle ocaso fôra um símbolo: sobreveio a noite, e o bom pai foi esperar na eternidade, os seus filhos distantes. Deixou-nos, porém, a sua memória, e com ela as lições e os exemplos do seu espírito salesiano, que tanto contribuiria para encher de poesia, o nosso tirocinio espiritual, aquela angélica poesia, que procurei debalde traduzir nos versos da "Carta ao Armindo".